

### Ocupação do espaço urbano e homicídios

Renato Sérgio de Lima\*

A literatura sobre violência, criminalidade e, mais especificamente, homicídios tende, no Brasil e no mundo, a associar esses fenômenos a uma multiplicidade de determinantes e não somente a uma ou a algumas causas<sup>(1)</sup>. Mais do que isolar um fator, dadas as dificuldades metodológicas de medir sua contribuição em relação ao movimento geral das mortes, busca-se, em geral, identificar tendências capazes de jogar luz e aumentar a compreensão sobre esta dimensão da vida cotidiana.

Entre essas tendências, chama a atenção a acentuada queda nas taxas de homicídios cometidos em São Paulo, que atingiu a marca de mais de 70% em sete anos (1999-2006) e caracteriza-se, de acordo com o debate da área, como resultado combinado de políticas públicas e variáveis socioeconômicas e demográficas.

Todavia, se a redução das taxas de homicídios em São Paulo possui uma distribuição espacial homogênea, a incidência destes crimes atinge de forma diferenciada diversos segmentos da população paulistana, variando de acordo com sexo, raça, idade, área de residência e outros atributos biográficos sociais.

Nessa direção, apresenta-se uma breve análise da distância entre o local de residência e o de ocorrência dos óbitos de vítimas residentes nos distritos administrativos de Cachoeirinha, Grajaú, Pirituba, São Luís e São Mateus. Tais distritos concentram 24,5% dos óbitos cometidos no Município de São Paulo, em 2005, e neles estão localizadas algumas das regiões mais violentas da cidade.

A proposta foi, a partir de dados fornecidos pelo PRO-AIM para o período 2001-2005, avaliar, na direção dos estudos conhecidos como “jornada do crime”, o grau de mobilidade espacial dessas vítimas e tomá-lo como indicativo da rede de sociabilidade à

qual elas estavam vinculadas e dos níveis de diferenciação e complexidade a serem contemplados no desenho e implementação de políticas públicas de prevenção e enfrentamento da violência.

Em termos analíticos, essa proposta parte da constatação empírica de que homicídios cometidos próximos às áreas de residência das vítimas indicam, indiretamente, que vítimas e agressores eram pessoas conhecidas, que mantinham algum tipo de relacionamento e que, portanto, tais crimes estão, em grande parte, associados a dinâmicas locais das comunidades às quais ambos estavam ligados.

No sentido oposto, vítimas de homicídios cometidos em locais distantes de suas residências estão mais associadas a crimes patrimoniais (latrocínios, por exemplo) e a uma dinâmica mais ampla da criminalidade urbana. Ou seja, são dois tipos de crimes diferentes que causam o mesmo resultado. Na sua análise devem, por conseguinte, ser tomados separadamente, uma vez que remetem a dinâmicas sociais e estratégias de enfrentamento por parte do Estado completamente distintas.

Como exemplo, estudo de Cláudio Beato (s/d), sobre o Programa Fica Vivo, de prevenção aos homicídios em Belo Horizonte, verifica que o raio entre a residência do agressor, da vítima e do local do homicídio é de menos de 350 metros naquela cidade. Trata-se, segundo Beato (s/d), de pessoas que eram conhecidas e que provavelmente cresceram no mesmo bairro.

Porém, a presente análise não se caracteriza como um estudo de “jornada do crime” propriamente dito. Isso porque os dados disponíveis não identificam o local do crime, mas sim o do óbito e como a origem de tais dados é a área da saúde e boa parte das vítimas acaba falecendo nos hospitais, as conclusões terão que ser mediadas por essa realidade. Entretanto, se há esse limite

---

\*Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Chefe da Divisão de Estudos Socioeconômicos da Fundação Seade e coordenador executivo do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.